

# O PROBLEMA DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NAS CONFISSÕES DA CARNE: DIFERENÇAS ENTRE A FILOSOFIA ANTIGA E O CRISTIANISMO

Vilmar Prata<sup>1</sup>

**Resumo:** O que Foucault identifica como constituição de si e mais especificamente, no caso que trago à luz para essa discussão, o sujeito que se constitui a partir da própria carne, ele propõe uma visada que estabelece como ponto de partida o ato de falar de si, de se confessar, fazendo surgir o problema do sujeito, a partir do seu interesse pela verdade, a verdade de si, que, conseqüentemente, acaba indo de encontro à verdade do outro. Foucault enfrenta questões levantadas por ele mesmo a partir de suas leituras e pesquisas que possivelmente permanecerão sem uma resposta à altura em seu último trabalho, a saber, a História da Sexualidade IV – As Confissões da Carne. Para nos ajudar a pensar sobre a constituição do sujeito da atualidade, tomo este último trabalho de Michel Foucault, propondo assim, nos lançar no problema que gira em torno do falar de si na filosofia antiga e da confissão de si no cristianismo, para questionar e pensar junto com Foucault, quem somos nós hoje?

**Palavras-chave:** Foucault. Sujeito. Verdade. Carne. Confissão.

## THE PROBLEM OF THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT IN THE CONFESSIONS OF THE FLESH: DIFFERENCES BETWEEN ANCIENT PHILOSOPHY AND CHRISTIANITY

**Abstract:** What Foucault identifies as the constitution of the self and more specifically, in the case that I bring to light for this discussion, the subject who constitutes himself from his own flesh, he proposes a view that establishes as a starting point the act of talking about himself, of confessing, raising the subject's problem, based on his interest in the truth, the truth of himself, which, consequently, ends up going against the truth of the other. Foucault faces questions raised by himself from his readings and researches that will possibly remain without an adequate answer in his last work, namely, the History of Sexuality IV – The Confessions of the Flesh. To help us think about the constitution of the subject of today, I take this latest work by Michel Foucault, thus proposing to launch ourselves into the problem that revolves around talking about oneself in ancient philosophy and the confession of oneself in Christianity, to question and think together with Foucault, who are we today?

**Keywords:** Foucault. Subject. Truth. Flesh. Confession.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Sergipe (UFS) E-mail: vilmarlabedisco@gmail.com

## AS DIFERENÇAS ENTRE O FALAR DE SI FILOSÓFICO E A CONFISSÃO CRISTÃ

Desde a antiguidade, falar de si ocupa um lugar merecidamente de destaque dentre as práticas de cuidado de si e do outro entre os indivíduos, e aqui, chamo atenção, especificamente, para a confissão cristã como ferramenta que torna esse ato institucionalizado, elevando o simples gesto do falar sobre a própria vida, ao fenômeno cuja complexidade se estabelece no que é dito e também no que é velado ao dizer. É importante ressaltar que, falar de si, confessar-se a si, é um ato de subjetivação e ao mesmo tempo de coragem, inerente às relações humanas, não pertencendo exclusivamente à igreja que o inclui como um de seus sacramentos, nos quais a sua força, enquanto instituição considerada por ela mesma como sacrossanta, representa e defende os interesses de um suposto poder divino sobre seus fiéis. Tal domínio estrutura-se numa relação de saber e poder, verificado no controle dos corpos que se submetem aos seus dogmas, elencando a salvação de suas almas como o principal objetivo da confissão.

Foucault (2019, p. 86) lembra que “Sob a forma de confissão o sujeito é ao mesmo tempo o sujeito que fala e o objeto do qual fala”, exercendo por sua vez, um movimento reflexivo e dinâmico, no qual aquele que fala de si - se confessa - é potencialmente tocado pela necessidade de voltar-se a si, e, uma vez tendo feito esse retorno, se eleva em direção ao seu ouvinte, este, por sua vez, se permite num gesto semelhante de conversão a si, deixar ou não, se envolver por todas as nuances que compõem a fala do outro a ele confessada. O que está no interior desse gesto de fala e escuta é o conceito de verdade compreendido pelos respectivos sujeitos envolvidos; esta verdade que é o fundamento pelo qual a constituição do sujeito se

firma ao longo deste processo parresoiástico no qual a mentira e a dissimulação são inaceitáveis.

É inegável que falar de si remete à própria subjetividade, uma vez que marca simultaneamente os registros das relações interpessoais em diversas situações sociais e políticas ao carregar, na palavra confessada, a verdade de cada sujeito, definindo assim, seus posicionamentos diante de si e do outro. Neste sentido, a confissão traz em seu bojo muito mais que um simples falar, as necessidades e os objetivos expostos nas palavras de quem confessa, ela revela os deslocamentos típicos entre os movimentos de objetivar-se e subjetivar-se no ir e vir para dentro e para fora de si. Acerca desse processo, Foucault (2019) destaca que

Trata-se, com efeito, da forma da subjetividade: exercício de si sobre si mesmo, conhecimento de si por si mesmo, constituição do si mesmo como objeto de investigação e discurso, libertação, purificação de si mesmo e salvação através das operações que levam a luz ao fundo de si mesmo, e conduzem os segredos mais profundos até a luz da manifestação redentora. (FOUCAULT, 2019, p. 63)

De igual maneira, dentro da tradição filosófica, dos gregos aos helenistas, falar de si ocupou lugar relevante dentre as técnicas de governo de si e do outro, tornando-se de suma importância para aproximar e sustentar a relação entre os indivíduos que buscavam conhecimento. Trata-se de um modelo de relação estabelecida e bem conhecida desde a antiguidade nas escolas filosóficas, posteriormente, essa técnica de falar sobre si para outro foi sendo tomada como modelo por outras escolas. Refiro-me, especificamente aqui, ao período helenístico, ao estoicismo, também conhecido como a *stoá* - os então chamados *filósofos do pórtico* - no qual o discípulo procura o mestre para falar de si, tudo sobre sua vida, visando conselhos para melhor lidar com as dificuldades em governar os desejos da carne, ou seja, governar a si.

Um detalhe a ser observado e que faz total diferença entre a confissão cristã e o falar a

verdade sobre si da filosofia antiga, é abordado por Foucault no decorrer de seus cursos; de modo geral, em referência às escolas filosóficas da antiguidade, quem ouvia e orientava era o mestre, o filósofo, que possuía mais experiência e sabedoria acumulada ao longo da vida, e, justamente por isso, tinha mais condições de mostrar o melhor caminho a ser seguido aos que se predispunham a falar de si e se tornarem discípulos e aprendizes do conteúdo filosófico proposto, o que não fazia deles indivíduos melhores e eximidos de buscar também o aprimoramento de sua própria constituição enquanto sujeito.

O discípulo, por sua vez, normalmente mais novo, buscava auxílio de alguém mais experiente em determinados assuntos referentes ao cotidiano por motivos variados. Interessavam-se pelas técnicas apropriadas a serem empreendidas no conhecimento de si, no governo de si, na arte de viver, na *tekne tou biou*, no aprimoramento da própria vida, física e espiritual, visando o conhecimento de si que permitiria um cuidado melhor de si, para que assim, pudessem se governar e governar os outros, favorecendo a preservação da vida a um nível de qualidade desejável no âmbito pessoal e social.

O interesse pela sabedoria com o olhar voltado ao governo dos outros é constado nos gregos, a exemplo de Alcebiades, discípulo de Sócrates, que tinha o governo da *polis* como objetivo principal. Posteriormente, dá-se um deslocamento de interesse, não que as questões políticas tivessem sido deixadas de lado, mas o interesse pela chamada *vida feliz*, conforme os estoicos se referiam, a uma vida plena, pautada por atitudes éticas aplicadas ao cotidiano de quem quisesse adotar essa proposta como *modus vivendi*, direcionado sempre pela voz do mestre que indicava as técnicas apropriadas que favoreciam o controle dos desejos da carne e seus reflexos no corpo e naquilo que era entendido como alma na ocasião. Tudo isto aplicado a partir da harmonização com a natureza, sendo elencada

como prioridade constante no cotidiano, haja vista as orientações dadas pelo mestre estoico Sêneca e aos que o buscavam para aconselhamentos.

Essa relação estabelecida entre mestre e discípulo ao longo da filosofia antiga, dos gregos aos helenistas, e acentuada no estoicismo, chama a atenção do filósofo francês, que, por sua vez, dentre as suas reflexões desenvolvidas a partir de 1980, se detém em seu trabalho publicado recentemente, a *História da Sexualidade IV - As confissões da carne*, a pensar o sujeito que se confessa a partir da própria carne, do próprio corpo. Um sujeito institucionalizado e que deve total devoção às leis de uma igreja que se ergue como responsável por uma verdade que se transmuta no próprio deus, fazendo com que a verdade do sujeito a ser revelada se transforme em dispositivo de controle dos desejos que emanam instintivamente de sua carne em todos os sentidos. Nesse novo processo de constituição de si, para além da filosofia antiga, a confissão católica se estende aos deslocamentos feitos no seio do cristianismo, que se instituiu a partir de modelos de técnicas disciplinares já concebidas e utilizadas dentro da filosofia.

Neste viés, a prática de refinamento do falar de si dentro da filosofia antiga está profundamente ligada ao cuidado de si (*epimeleia heautou*), que por sua vez, está diretamente atrelado ao cuidado do outro, por parte de quem orienta, bem como, por parte de quem é orientado, pois sendo bem instruído, potencialmente e supostamente, o sujeito ao longo do tempo vai adquirir condições de assumir posturas mais coerentes, independentes e eficazes diante dos acontecimentos da vida, podendo, com o passar do tempo e das experiências acumuladas, ocupar também o lugar de mestre e, conseqüentemente, instruir outras pessoas. Trata-se de um jogo que não se estagna em lugares pré-definidos e ocupados pelos envolvidos, cuja subjetividade dos sujeitos envolvidos nos papéis de mestre e discípulo está crivada pelo movimento

dinâmico que oscila entre o aprender e o ensinar, tendo como principal objetivo ser um verdadeiro amigo da sabedoria, ou seja, ser um autêntico filósofo e não estar assujeitado à desmesura do uso dos prazeres carnis.

É possível considerar que o foco principal nessas relações é o alcance da temperança (*enkrateia*, *temperantia*) por meio do conhecimento da verdade (*aletheia*) que ocorre através de um longo processo de subjetivação de si. Vale ressaltar que não se trata de qualquer verdade, mas sim, a verdade referente ao próprio eu, enquanto sujeito que se constitui por meio de práticas que decorrem das instruções filosóficas que se lhe apresentam por meio da palavra do mestre, que toma a filosofia como guia nesse percurso, cuja meta é justamente a felicidade alicerçada na sabedoria e na verdade alcançadas por meio do cuidado e do conhecimento de si, e, esse percurso, de modo algum, como é destacado repetidas vezes, tanto pelos gregos como pelos helenistas, pode se percorrer sozinho.

Em contrapartida, o que vislumbramos no cristianismo é um movimento contrário, no qual aquele que confessa sempre estará submetido e objetivado pelos olhos e ouvidos da igreja representada pelos clérigos, que por sua vez, representa a verdade divina. No ato da confissão o sujeito se revela, se entrega e confia sua própria vida, seu corpo e sua carne ao que é considerado permitido e censurado pelas leis da igreja. Sua verdade deve ser a verdade da igreja e neste sentido, não há dinâmica nas posições dos sujeitos envolvidos, pois aquele que confessa sempre será o pecador, e o confessor, sempre o representante da força institucional que assegura a salvação da alma.

Neste prisma, a confissão não está ligada apenas à verdade do sujeito, mas talvez, bem mais ao pecado cometido por este sujeito, ou podemos pensar essa verdade de si como o próprio pecado em si. Confessar, falar de si a partir do cristianismo é reconhecer alguma falta, se reconhecer pecador, limitado, e, essa limitação é a falha da própria carne que se manifesta por meio dos desejos, havendo um único modo de se ver livre do peso

desses pecados que é justamente confessá-los, reconhecê-los como seus e abrir mão do próprio corpo, entregando-o à administração da igreja que sempre saberá orientar, por meio de suas técnicas disciplinares de penitência, o melhor caminho para se encontrar a verdade e o perdão de deus, porém, não mais a verdade de si, como nos antigos, mas a verdade institucional, e, isso significa salvar o sujeito dele mesmo, ou seja, dos desejos de sua carne que submete seu corpo aos prazeres e vícios ao longo de sua vida culminando na condenação divina.

Neste novo modelo de falar de si, modificado e proposto pelo cristianismo, que passa pela confissão e publicização da verdade do sujeito carnal, Foucault vai reconhecer que

Podemos, pois, dizer que os procedimentos de verdade, na penitência eclesiástica dos primeiros séculos, se agrupam em torno de dois polos: um que é o da formulação verbal e privada – tem por missão definir a falta juntamente com os caracteres que permitem apreciá-la e de definir de que modo pode o seu perdão ser concedido; o outro, que é o da expressão global e pública, tem por missão manifestar, com a dramaticidade mais intensa possível, o ser pecador do penitente e ao mesmo tempo o movimento que o livra da sua falta. (FOUCAULT, 2019, p. 112)

Não basta, pois, apenas se confessar a um representante da igreja, não é suficiente o ato penitente de expor as falhas, os desejos e vícios de sua carne. O sujeito deve, para além da confissão, tornar público para toda comunidade na qual está inserido, seus desejos mais horrendos, pois somente assim, alcançará o perdão por meio da penitência imposta. Foucault, na aula do dia 1 de fevereiro de 1984, de seu curso sobre *A Coragem da Verdade*, primeira hora, vai chamar a atenção para o fato de que é necessário

Analisar em suas condições e em suas formas, o tipo de ato pelo qual o sujeito dizendo a verdade, se manifesta, e com isso quero dizer; representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade. Não se trataria, de modo algum, de analisar quais são as formas do discurso tais como ele é conhecido

como verdadeiro, mas sim: sob que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade, sob que forma se apresenta, a seus próprios olhos e aos olhos dos outros, quem diz a verdade, qual é a forma do sujeito que diz a verdade. (FOUCAULT, 2011, p. 04)

Se para os gregos e helenistas a verdade de si falada ao outro tinha como objetivo o cuidado de si, o governo da própria vida, e, o corpo, a carne, não eram vistos como os grandes culpados pelas limitações, mais ainda, a palavra dita visava conhecer-se a si mesmo, saber o que realmente era a verdade de si e o que era engano; para o cristianismo, em contrapartida, esse conceito de verdade dá lugar à ideia de erro, de fraqueza, passando a ser conhecido como pecado. O sujeito que fala não é mais aquele que busca o conhecimento de si, mas passa a ser, com este deslocamento, o sujeito que peca e deve a todo custo confessar seus pecados, se penitenciar e se libertar de suas amarras para alcançar sua própria salvação enquanto há tempo e acolhimento da igreja.

A compreensão da subjetivação do sujeito nestes dois momentos, filosófico e eclesiástico, é primordial à constituição de si, pois o modo como o sujeito se constitui na filosofia é diferente do modo como o sujeito do cristianismo se constitui. O que permanece, é que por meio do ato de subjetivar-se, o sujeito, tanto na filosofia quanto no cristianismo, terá condições de emergir nas entranhas do indivíduo que é, e, dar-lhe características próprias, simultaneamente, em contínuo fluxo de práticas que permitem se constituir e se perceber neste movimento de autoconstituição. Se para o primeiro modelo não existia o peso da culpa para induzir o indivíduo para dentro de si, no segundo modelo, fazer o sujeito se sentir culpado é mais relevante que fazê-lo se sentir responsável pelos próprios atos.

Nesta esteira, podemos pensar que sem a subjetivação de si não há constituição do sujeito

em todas as esferas que isso pode abranger em sua relação consigo mesmo e com o outro. Notemos então, que, o conteúdo discursivo nas palavras do sujeito que fala de si para um mestre filósofo na antiguidade, é, de modo geral, um posicionamento de responsabilidade para com a própria vida. A partir das orientações do mestre, este sujeito vai ganhando autonomia e maturidade para se governar. No entanto, no cristianismo, o sujeito transfere essa responsabilidade para a igreja, é a instituição religiosa que passa a direcionar e tomar as decisões na vida, nos corpos e a dizer o que deve e não deve ser permitido à carne que não lhe pertence mais, mas passa a ser propriedade da igreja que o direciona para a salvação, para a verdade absoluta que, não está mais dentro de si, mas em Deus.

Ainda que, em vários momentos de sua vida, o filósofo deixe claro o quão árduo é alcançar essa verdade, a verdade de si, ou mesmo, que seja considerado um objetivo a ser seguido continuamente e que se finda somente com a morte, as práticas das técnicas por ele ensinadas possibilitarão que o sujeito, que se dispõe aos seus ensinamentos, tenha total desenvoltura nos exercícios do pleno governo de si, no controle dos prazeres por meio da razão sobre os desejos da carne, assim como, a reserva bem medida dos sentimentos, com o intuito último de não ser governado pelas próprias emoções ou emoções alheias, mas, ao contrário, se tornar senhor dos próprios apetites e não ser escravizado pelos vícios que tudo isso pode vir a se transformar. Tais técnicas, conforme os próprios ensinamentos, devem ser consideradas ao longo de toda vida como uma *askesis*, um contínuo exercício engendrado no próprio corpo e em todas as paixões que lhe diz respeito, chegando ao fim apenas com a morte.

## **A CONSTITUIÇÃO DE SI NO ESTOICISMO: UMA QUESTÃO DE SUBJETIVAÇÃO E PERSUASÃO DA**

## VERDADE

Particularmente, nas orientações de um filósofo estoico, encontramos ensinamentos de regulação baseados no *logos* que orienta a natureza humana. As condutas do corpo e da alma são direcionadas por meio de práticas dietéticas de manutenção, como por exemplo, o que comer, o que beber e suas respectivas quantidades e horários, tempo de descanso, exercícios físicos, práticas sexuais, bem como orientações éticas para consigo e para com o outro nas relações sociais, e por fim, como lidar com as doenças, com a própria morte e com a morte do outro. Basicamente toda disciplina gira em torno do corpo, com o objetivo de lapidar a relação do sujeito com seus desejos instintivos manifestados na carne.

Portanto, dentre as técnicas de orientação utilizadas pelos estoicos, falar de si ganhou um relevante lugar de destaque, tornando, conforme Foucault (1992, p. 132) vai chamar de um “ponto de aplicação aos movimentos do pensamento, o papel da prova da verdade”, num autêntico, constante e laborioso cuidado de si e do outro que se desdobra num gesto permanente de governamentalidade. O uso da palavra falada como instrumento de ligação entre aquele que orienta e aquele que é orientado, mestre-discípulo, cujo conteúdo discursivo era de orientações para a vida baseado na verdade exposta pelo discípulo, torna o estoicismo como esteira de regras a serem observadas na direção dada em qualquer circunstância apresentada.

É exatamente essa a diferença entre o falar de si estoico para a confissão cristã, a direção que emerge das palavras do filósofo não é impositiva, não está baseada numa coerção verificada naquilo que o sujeito pode perder ou ganhar seguindo o que lhe é proposto como técnicas para serem aplicadas à própria vida, dando limites aos apetites carnis. Tão pouco se apresenta como único caminho a ser traçado para o êxito do discípulo em relação

ao seu interesse por viver coerentemente com sua própria verdade enquanto sujeito que se constitui a partir da própria subjetividade. Logo, enquanto no estoicismo encontramos a persuasão do mestre em relação ao seu discípulo, no cristianismo encontramos a imposição dos dogmas eclesiásticos como único modo de se salvar.

Nota-se que, para o estoicismo, a preocupação do sujeito não está em se salvar de uma suposta condenação eterna depois da morte, perdendo a autonomia de sua vida e confiando-a nas mãos de outro, sem poder questionar as orientações recebidas, mesmo porque, não há do que se salvar, mas do que evitar para estabelecer uma vida feliz vinculada à harmonia com a natureza. No entanto, o deslocamento realizado pela igreja, quando induz a prática de uma obediência cega e inquestionável no ato da confissão, é a mudança irreparável que o sujeito ocidental experimentou ao abrir mão de sua autonomia no processo de constituição de si, transferindo essa responsabilidade para uma instituição que já oferecia uma verdade pronta e inquestionável. Foucault esclarece ainda mais esta situação quando afirma que

Podemos medir a distância que separa a direção cristã dos estoicos. O propósito da segunda era no essencial o de estabelecer as condições de um exercício soberano da vontade sobre si mesmo. Tratava-se de conduzir o dirigido ao ponto de viragem em que ele se torna senhor de si mesmo e do que dele pode depender. O que implicava que aprendesse a distinguir o que revela da sua vontade e o que não é do seu domínio; e que arme essa vontade de uma razão que tem por triplo papel traçar a linha divisória, definir a conformidade com a ordem do mundo, e dissipar os erros de opinião acarretados pela desordem das paixões ou o excesso dos desejos. (FOUCAULT, 2019, p. 142)

Para além do extenso e relevante papel do estoicismo nos modos pelos quais o sujeito se constitui, influenciando diretamente os processos de subjetivação e objetivação no que era considerado verdade ou não nas relações de saber e poder entre o sujeito que instrui e o sujeito que

é instruído, dá-se a notar que os direcionamentos oferecidos pelo mestre estoico, tinham como intuito principal, oferecer orientações específicas conforme as necessidades, anseios e objetivos, sempre tendo como foco a livre vontade deste sujeito de lidar melhor com as diversas situações de sua vida, manifestada em suas palavras ditas ao mestre. Se compreende então, que é justamente a partir do momento que o discípulo se verbaliza, se expõe em palavras, é que sua subjetividade acontece, e, mediante o ouvido atento do mestre e seus posicionamentos diante do que ouviu, é que acontecerá a troca entre os dois, viabilizando uma profunda subjetivação entre os envolvidos.

A partir do interesse do sujeito que busca orientação e de sua abertura a falar de si vinculada à experiência do filósofo, estabelece-se, então, uma relação de mestre e discípulo, cujo objetivo basicamente é o cuidado e o governo que emerge em duas vias, a saber, o do si e o do outro que se faz em breves conselhos para a vida prática e espiritual, almejando uma vida feliz como o próprio estoicismo denomina, uma vez que este objetivo acompanha a humanidade, atravessando o tempo e se fazendo pertinente ainda hoje no cotidiano do sujeito da atualidade. Para tanto, a subjetivação do sujeito em relação à verdade de si e em relação às verdades que lhe são apresentadas é que norteia sua relação com a própria carne, cuja problemática tem direta influência no modo como este mesmo sujeito estabelece seus pontos de apoio e prioridades no movimento de voltar-se a si na disciplinarização de seu corpo em todas as esferas instintivas da carne.

Para acessar sua própria constituição e seu posicionamento ético diante da própria vida e da vida alheia, que se dá a ver no conhecimento e reconhecimento dos desejos que se manifestam em sua carne, provocando inquietações e provocações que podem alterar o percurso de sua vida, que, independentemente da idade e da época em que vive,

será sempre impelido a se questionar, se conhecer e buscar métodos pertinentes que possam favorecer o aprimoramento e o controle de suas vontades, evitando dessa maneira, que as mesmas se tornem vícios e paixões incontrolláveis a partir da fraqueza e falta de disciplina. Diante disso, faz-se necessário que o sujeito exija de si mesmo um movimento para dentro de si, uma conversão a si, voltar os olhos, os ouvidos e todos os sentidos para si, no intuito de ver, ouvir e sentir quais são os anseios que o desloca de sua zona de conforto, exigindo um posicionamento autoral e coeso, direcionando-o, em suma, para um ato estritamente de coragem, o que significa dizer, aquilo que Foucault sublinha muito bem em seu trabalho em *O Governo de si e dos outros: A coragem da Verdade* (1983-1984).

Esse processo de conhecimento de si, que também é um processo de subjetivação do próprio eu, enquanto indivíduo que assume a posição de sujeito que se constitui, mediante à verdade que tem como objetivo de vida, é o que faz com que a carne passe a ser considerada como lugar de fala, manifestada não só nas palavras ditas e confessadas, mas para além delas, e podemos dizer que é, justamente de onde elas nascem, das experiências do sujeito com o próprio corpo, seus apetites e fraquezas. São essas motivações, dentre tantas, que impulsionam o interesse por si, em conhecer um pouco mais de si, o querer saber quais as melhores técnicas para exercer o cuidado de si, ou ainda, quais os melhores caminhos a serem percorridos e como percorrê-los da melhor maneira para alcançar, por fim, uma postura eficaz do governo dos apetites de sua carne, na medida dos impulsos do corpo e da alma, tomando as práticas disciplinares orientadas pelo mestre como candeeiro que ilumina esse itinerário até a sua própria verdade, porque a grande questão em jogo é essencialmente a própria verdade de si encarnada, que viabiliza o conhecimento de si atravessado pela subjetivação do próprio eu.

É neste sentido que Foucault constata que os deslocamentos realizados pelo indivíduo à condição de sujeito constituído a partir do processo de subjetivação do próprio eu, se inicia quando este mesmo indivíduo se revela para si e para o outro e decide falar da própria vida, entretanto, não se trata de falar de qualquer maneira sobre si e para qualquer um. No que confere a verdade de si, a fala do mestre é direcionada ao ouvinte atento e esperançoso por aprender a conhecer a si mesmo e fazer refletir esse conhecimento não só nos discursos proferidos, mas também, e principalmente, na própria vida, na própria carne. No desejo pela verdade refletida em suas ações e decisões diante de todas as situações vividas, reconhecendo que, essencialmente o interesse do mestre é prestar um serviço de orientação baseado nas próprias experiências enquanto sujeito que se constitui a cada dia à medida que se subjetiva a si mesmo. Portanto, o filósofo francês vai perceber que

É fácil constatar quão grande, em toda a moral antiga, em toda a cultura grega e romana, foi a importância do princípio: “é preciso dizer a verdade sobre si mesmo”. Podemos citar, em apoio a ilustração dessa importância na cultura antiga, práticas tão frequentemente, tão constantemente, tão continuamente recomendadas como o exame de consciência prescrito pelos pitagóricos ou pelos estoicos, de que Sêneca deu exemplo tão desenvolvidos e que voltamos a encontrar em Marco Aurélio. (FOUCAULT, 2011, p. 5)

Desta forma, de modo geral, falar de si, ultrapassa os limites do que podemos considerar como meras orientações disciplinares sobre paixões, mas partem exclusivamente do exame de consciência feito pelo sujeito, que após se examinar, se subjetivar, se dirige ao seu mestre, expondo a verdade de si, se revelando ao outro e também a si mesmo, descobrindo o que estava até então encoberto numa penumbra erguida ao longo dos anos já vividos, calçados por tradições e ensinamentos muitas vezes equivocados e

objetivados sobre o que é verdadeiramente ser um indivíduo, e mais ainda, ser sujeito de si, capaz de se governar e governar o outro.

Para além desta perspectiva, as palavras ditas e confessadas se revelam como um modo próprio de emersão e ao mesmo tempo, de imersão dos sujeitos envolvidos. Ou, seja, aquele que ouve, o mestre, emerge de si em direção ao outro, que é o falante, seu discípulo, e ao mesmo tempo, evoca uma imersão reflexiva em direção à sua própria vida. No mesmo sentido, aquele que recebe as palavras de orientação, faz o movimento semelhante de emersão de si para o outro e de imersão de si para si, à medida que se põe a refletir sobre as palavras e direcionamentos dados pelo mestre. Essa dinâmica dá-se a partir do momento em que os envolvidos nessas trocas pautadas pelo falar e ouvir, passam a se subjetivarem em relação à própria verdade, até então estabelecida de si mesmo.

Foucault apresenta a complexidade da natureza da questão que está por trás dos termos subjetividade e verdade, quando ele mesmo levanta indagações para se pensar tais postulados sem se perder em divagações filosóficas ou manipulação de tais conceitos, indo direta e profundamente ao problema de fato. Ele vai nos dizer que

O problema subjetividade e verdade consiste, na tradição filosófica, em indagar como e em quais condições posso conhecer a verdade, ou ainda, de que modo aquele que faz essa experiência pode reconhecer que se trata realmente de conhecimentos verdadeiros? O problema filosófico subjetividade e verdade pode caracterizar-se assim: resolver a tensão entre duas proposições. Evidentemente não pode haver verdade sem um sujeito para o qual essa verdade é verdadeira, mas por outro lado: se o sujeito é um sujeito, como pode ele efetivamente ter acesso à verdade? (FOUCAULT, 2016, p. 11)

Notemos que esse problema não se faz e não se estabelece consistentemente sem uma conversão a si, mas é a partir do momento que o sujeito se propõe ao que podemos chamar de autossujeitização, que as questões levantadas por ele



acabarão por se desdobrarem em uma rede, cujos nós, o conecta ao outro e sutilmente o objetiva. Este movimento de subjetivar-se e objetivar-se seria as idas e vindas do sujeito para dentro e para fora de si. Este outro, o mestre, vai buscar na filosofia, nos ensinamentos dos antigos, e porque não dizer, na tradição filosófica até então conhecida e estabelecida, respaldos para se pensar essa verdade do sujeito e para o sujeito, sob conceitos que se tornaram primordiais, os quais estão diretamente ligados às práticas do cuidado de si e do outro, que perfazem a ideia de governo nas relações dos sujeitos ao longo da história e que atravessam as relações de mestre e discípulo no estoicismo.

Refiro-me aqui, aos conceitos de *Subjetividade* e *Verdade* e todas as nuances reflexivas que envolveram os estudos de Foucault (2016, p. 5), que toma a “subjetividade como suporte histórico para a verdade e a verdade como sistema histórico de obrigações”. Sob esse trocadilho filosófico, Foucault pôde vislumbrar o que movia e ainda move o sujeito para dentro de si, para uma autodescoberta da própria carne, que, ao mesmo tempo, está deliberado pelo *sujeito-outro* que digamos, dá o tom para que este processo seja possível de maneira séria, coesa e com raízes profundas na razão, e, conseqüentemente, numa postura ética de si para si e de si para o outro, não tomando a carne como fonte de todo mal, como pretendeu o cristianismo, mas tomando-a como parte agregadora de todo processo de constituição de si, no qual o sujeito toma consciência a partir do momento em que se volta inteiramente para dentro de si mesmo e se conecta à natureza.

Dentre as dúvidas levantadas pelo filósofo a respeito do tripé sujeito/ subjetividade/verdade, é necessário reconhecer a carne como o eixo central no qual tudo emerge e acontece, ou seja, é pela carne que o sujeito se constitui, se subjetiva e se vê desafiado por si mesmo a fazer o retorno para dentro de si em busca da verdade que o constitui.

Para tanto, faz-se necessário lembrar que trata-se de um movimento que só terá fim com a morte e sua pertinência soa como ponto de ancoragem no qual pensar a relação mestre-discípulo, é pensar a história da constituição do sujeito ocidental que nasce com os gregos, atravessa o helenismo e ganha outros moldes no cristianismo, ressoando em nossa atualidade, nas maneiras como o sujeito se relaciona consigo e com o outro. O questionamento foucaultiano consiste

Em que a experiência que temos de nós mesmos se vê formada ou transformada pelo fato de haver, em algum lugar de nossa sociedade, discursos que são considerados verdadeiros, que circulam como verdadeiros e que são impostos como verdadeiros, a partir de nós mesmos, enquanto sujeitos? Qual marca, ou seja também, qual ferida ou qual abertura, qual coação ou qual liberação, produz no sujeito o reconhecimento do fato de haver sobre ele uma verdade a ser dita, uma verdade a ser buscada, ou uma verdade dita, uma verdade imposta? A partir do momento em que, numa cultura, há um discurso verdadeiro sobre o sujeito, que experiência o sujeito faz de si mesmo e que relação o sujeito tem a respeito de si mesmo em função dessa existência de fato de um discurso verdadeiro sobre ele? (FOUCAULT, 2016, p. 12)

Esse sujeito que emerge entre estes dois pontos dissecados por Foucault, subjetividade e verdade, é motivado a ocupar-se da própria carne, do próprio corpo, a se disciplinar, a saber mais de si, para ser capaz de ter e manter o controle sobre suas próprias paixões, sobre todas as tendências que podem anuviar o efeito da verdade nas práticas constitutivas, que o farão deixar de ser um mero indivíduo e tornar-se sujeito. Mas o grande problema é saber como surge, como se estabelece, como é preservada e ensinada essa verdade, a partir de uma tradição filosófica, que atravessa os séculos e é moldada conforme as circunstâncias de cada período histórico. Por fim, a importância da constituição do sujeito está efetivamente na relação ética que se estabelece entre o indivíduo consigo e com o outro. Essa relação é norteadora de toda conduta que vai do subjetivar-se ao objetivar-se,

e vice-versa, seja de quem orienta, seja de quem é orientado, ambos como sujeitos que almejam a verdade, na constituição que se dá através da conversão a si à emersão ao outro.

## PARA SE PENSAR A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA ATUALIDADE

É a partir dos apontamentos encontrados em Foucault que se inicia e se desenvolve em suas reflexões nos três primeiros volumes sobre a história da sexualidade, mais especificamente no quarto e último trabalho sobre o tema, *As confissões da carne*, é que se percebe a magnitude e a atualidade do tema discutido nessas obras, bem como a importante contribuição não apenas no campo da filosofia. Para além de conceitos puramente filosóficos, o que se discute nessas reflexões e questionamentos, acaba por atingir muitas outras áreas de conhecimento, direta e indiretamente, a saber, religiosa, psicanalítica e histórica.

Enfim, Foucault alcança neste último volume de seu trabalho sobre a sexualidade humana, áreas diversas que permeiam as discussões sobre a constituição do sujeito e sua relação com o próprio corpo, com sua carne inflamada de desejo, de prazer e também de dor. Como filósofo em seu trabalho genealógico e arqueológico, Foucault desperta no leitor o interesse em conhecer e saber mais sobre a história da constituição do sujeito que se insere em sua própria carne, na qual ele se debruça para poder encontrar os registros que configuram os dispositivos que fazem de cada indivíduo se tornar o respectivo sujeito que se é, melhor dizendo, que se constitui. O que os quatro volumes têm de incomum é a história da urgência do sujeito em se constituir e se conhecer, e, neste processo de voltar-se a si por meio do cuidado de si, atravessado pelo cuidado e governo do outro, ter as reais condições de se governar.

Dos escritos foucaultianos mencionados, cujo tema discorre sobre a constituição do sujeito a partir de sua sexualidade, *História da Sexualidade IV - As confissões da carne*, oferece um campo fértil em todas as nuances do tema abordado, uma vez que a temática sugerida toma a filosofia antiga como ponto de partida, se lançando num mergulho profundo no cristianismo dos primeiros séculos, o que faz da discussão demasiadamente inesgotável. No entanto, o que este trabalho pretendeu trazer à baila foi uma breve reflexão sobre o tema proposto a partir de Foucault, viabilizando pensar a constituição do sujeito a partir de seus postulados apresentados na obra em questão, no falar e no confessar a si mesmo tomando como ponto de partida seu próprio corpo, sua própria carne.

Na *História da Sexualidade IV - As confissões da carne*, reafirma-se um tema na filosofia que se dedica a expor e discutir o sujeito a partir de sua sexualidade e seus entrelaçamentos consigo mesmo, com o outro e, principalmente, com as instituições, mais especificamente, neste caso, ao cristianismo nos moldes da igreja católica dos primeiros séculos. Nas relações estabelecidas do sujeito com outro institucionalizado se desponta as redes sociais e políticas, nas quais o sujeito passa ser submetido à prova da verdade, sob o julgamento eclesiástico; um assunto cuja importância dentro da filosofia grega não deixou de ser menos relevante na filosofia helenística e que se acentua no cristianismo. Diante disso, ressalta-se que, a própria igreja, por meio de seus teólogos, buscou compreender e discorrer sobre o homem e sua relação consigo e com o outro, porém, pautando-se numa técnica pedagógica na qual a persuasão filosófica dá lugar à imposição e ao julgamento religioso, respaldado pela ideia de um deus tão egocêntrico quanto a própria instituição religiosa que o representa.

O foco principal deste trabalho foi tentar explicitar e compreender como se dá, ou como deve ser concebida as relações instituídas e os

deslocamentos realizados do campo da filosofia para o campo religioso, o que significa dizer, entre o indivíduo da antiguidade e o sujeito que emerge a partir da instituição do cristianismo, que ofusca a relevância do pensamento crítico propondo a obediência como atitude básica do indivíduo que se dispõe a se constituir enquanto sujeito da verdade, que, aliás, como explicitado, não mais a sua verdade, mas a verdade imposta pela igreja. Entre um sujeito que dedica sua vida a constituir-se a partir do pensamento crítico oriundo da filosofia e o sujeito que se submete às orientações eclesiásticas, a persuasão no modo de se constituir é evidentemente a diferença entre os dois, presente nas técnicas filosóficas e ausente no cristianismo.

De um olhar da nossa atualidade para a *História da Sexualidade* da qual Foucault apresenta em *As confissões da carne*, surgem três questões para se pensar a constituição do sujeito de hoje: quais prioridades devem ser levadas em consideração no processo de constituição do sujeito que toma a filosofia como ponto de partida e do sujeito que se submete aos dogmas cristãos? Que tipo de verdade de si se pretende alcançar e, principalmente, o que deve ser preservado ou não? Quais os limites a serem estabelecidos no falar e confessar a si e até que ponto o sujeito pode e deve contar com o auxílio do outro sem se esbarrar na ausência de autonomia e da liberdade de decidir por si, aquilo que deve ou não deve ser dito?

O problema que emerge dessas três questões é o da relação entre quem orienta e quem é orientado, que é também a grande preocupação de Foucault. É justamente este vínculo que faz com que o sujeito se constitua ao longo de toda vida. Deve se levar em consideração essa relação a partir do que é dito e omitido, seja o que for e como for; falar de si, visando o conhecimento da própria verdade, é considerado pelo filósofo francês como a técnica mais usada e porque não dizer, a mais eficaz, afinal, o indivíduo se constitui como sujeito

a partir do outro, do olhar do outro, da voz do outro que orienta, ou mesmo, desorienta, a depender do que se estabelece entre os envolvidos. O grande problema não é falar de si, mas o que falar, como falar e pra quem falar, essa é a preocupação tanto para os filósofos antigos como para o cristianismo e deve ser a preocupação que pauta a constituição do sujeito da atualidade, pois o que é dito é que vai moldar e definir a verdade que se pretende encontrar a partir de um árduo diálogo no qual se deve prevalecer a subjetivação de si, o que não exclui a autonomia do sujeito ao falar de si e ouvir o que o outro tem a dizer sobre o que foi dito.

Essa característica atemporal presente na constituição do sujeito que chama a atenção de Foucault é exatamente o que torna subjetiva a confissão de si, ao ponto de fazer da carne de qualquer indivíduo e de qualquer época, o lugar de seus enfrentamentos que o desafia a constituir-se à luz da própria verdade, lapidada pelo crivo da filosofia que se torna a pedra de toque que revela a pureza e a autenticidade desta verdade. É pelo conteúdo do que é dito de forma criteriosa que ao tratar das paixões da carne, dos vícios e da vida de modo geral, e, mais ainda, dos direcionamentos a servir de instrumento no cuidado e no governo do outro, bem como aplicadas a si mesmo, é que o filósofo, chama a atenção do indivíduo que fala de si e se revela em todos os seus modos de ser.

Como uma efusão de sensações instintivas e psíquicas que tornam a fonte para tentar entender tanto o sujeito antigo que bebe nas fontes da filosofia quanto o sujeito que nasce a partir do cristianismo, no que diz respeito aos seus posicionamentos, sem excluir a possibilidade de uma reflexão voltada para o sujeito da atualidade, seus desafios e suas relações consigo e com o outro, é que aos postulados foucaultianos, o problema da constituição do sujeito está diretamente ligado ao modo como ele se relaciona com as suas sensações carnis. O impasse, portanto, é como conciliar e se

é possível essa conciliação, de uma vida dedicada a conhecer à própria verdade a partir do cuidado de si, sem fazer do próprio corpo, da própria carne, um contraponto que deve ser condenado aos grilhões da nulidade total, algo que, aliás, jamais será possível.

O sujeito deve administrar seu corpo e as sensações de sua carne, ao passo que, elas possam, de modo geral, serem agregadoras ao seu projeto de constituição de si, no que confere ao cuidado e ao governo de si, e, ao mesmo tempo, que também permita oferecer ao outro, disfrutar da sabedoria adquirida nessa relação consigo mesmo. Uma relação que também não escapa ao jogo emblemático *saber-poder*, colaborando para que o outro também se constitua ao nível de poder cuidar e governar a si próprio. Isso consiste exatamente nas práticas disciplinares e das técnicas de si passadas do mestre para o discípulo, que reverberam na transformação da própria subjetividade dos sujeitos envolvidos, da qual Foucault faz referência, ao delinear o movimento do indivíduo em direção à própria constituição de si:

Os modos pelos quais nos tornamos sujeitos, os modos de “subjetivação”, aparecem e se desenvolvem historicamente como “práticas de si”, embora vigorem dentro de práticas discursivas (saberes) e práticas de poder que testemunham pela descontinuidade de suas formas históricas. (FOUCAULT, 2011, p. 23)

Foucault parece compreender, a partir dessa afirmação, que a relação do sujeito consigo e com o outro não deixa de ser uma relação de reciprocidade, constituída entre os envolvidos em questão, calçada pelas descontinuidades históricas de cada um e por uma tradição filosófica ensinada e aprendida, cujo saber institui o lugar de poder, e, o lugar de poder dá o tom do conteúdo discursivo (saberes) que possui o mestre e o coloca como alguém que tem algo a ensinar, algo a dizer, e que, principalmente, possui sabedoria suficiente para tanto. O que faz do sujeito que se constitui a partir

da filosofia antiga mais livre em seu modo de se constituir em relação ao sujeito que se constitui, a partir do que é orientado pelo cristianismo, é o fato de não se limitar às trincheiras do jogo *saber-poder*; mas poder, a partir da persuasão do mestre, ter a autonomia de escolher com coragem o que fazer a partir do que lhe é orientado. Portanto, o filósofo é aquele que está pronto para acolher e orientar os que o procura, em hipótese alguma, deve esperar e tampouco ficar à mercê do que ouve.

O tema aqui apresentado e pontuado é de fato uma reflexão de como Foucault pensa a constituição do sujeito a partir das relações estabelecidas com o que confessa de si tomando seu corpo como palavra encarnada nas sensações por ela manifestadas, uma exaltação à importância do falar de si sem excluir ou ignorar nada, definindo com a cautela própria de um filósofo os bons frutos que podem advir dessa relação, bem como os perigos que podem surgir enquanto armadilhas nesse jogo que, às claras vistas, é tão somente um jogo de *saber-poder*, que, reivindica seu lugar nas relações entre quem orienta com seus respectivos orientados. O lugar do filósofo é, portanto, conforme nos mostra Foucault, ao lado de seu discípulo, servindo-os com o que tem de melhor, a sabedoria da qual se alimenta todos os dias de sua vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, ao longo de *As confissões da carne*, Foucault traça uma linha histórica na qual podemos notar que a constituição do sujeito não acontece sem sua relação direta com a sua carne. O que se confessa é a própria carne e o que se tenta disciplinar são as tendências da carne, que tem influência direta em todos os outros modos dos quais o indivíduo se insinua, enquanto sujeito subjetivado em suas práticas de si e objetivado pela escuta do outro. Ser um indivíduo que se constitui por meio de sua própria carne é ser alguém inserido e consciente de

seu corpo e os posicionamentos que ele assume na sociedade em que vive, junto aos mais próximos e aos mais distantes, fazendo reluzir a luz da filosofia ou os dogmas religiosos conforme o caminho que decide trilhar rumo a si mesmo.

Aos que se encontram perdidos ou sedentos por sabedoria, pela genuína sabedoria da qual se alimenta o verdadeiro sábio: a sabedoria libertadora e inclusiva, que penetra todas as cearas sociais do indivíduo, seja as relações interpessoais como as relações políticas ao nível da *polis*, como já se pretendiam os gregos, testemunhando no seu modo de vida, em palavras e atitudes todo conteúdo filosófico presente em seu discurso e na sua própria carne, ou pautado pelas leis eclesiásticas que assume a responsabilidade do sujeito neste processo de constituição de si. Por fim, o que se constata tanto em um como no outro é a vontade individual de se constituir enquanto sujeito, buscando a verdade de si encrustada na história que se inscreve no corpo através das insinuações da carne, que, inegavelmente, é o próprio sujeito, que por mais que a igreja tenha tentado separar e negar, chegamos na atualidade com a sensação e porque não dizer, com a certeza de que, o sujeito é em si sua própria carne aos moldes de um corpo que anseia por uma verdade autônoma e que o norteia ao longo de toda vida.

É nesse sentido que tentei me arriscar com muito esmero, e, porque não dizer, ousadia. Digo ousadia porque não é um trabalho simples nem óbvio em sua execução, mas sem dúvida alguma, é um trabalho gratificante que proporciona aprendizagem e a oportunidade de reflexão ímpar sobre questões relacionadas tanto ao sujeito da antiguidade quanto ao sujeito da atualidade, a saber, questões cuja gravidade e pertinência sempre foi relevante enquanto problema filosófico para todos que dedicaram e dedicam suas vidas a pensar os problemas que emergem de temas como a constituição do sujeito, tomando como ponto de

partida sua subjetividade e a verdade que traz dentro de si, que em suas respectivas raízes epistêmicas fomentam a luz do grande problema filosófico que reúne todos esses eixos temáticos: O sujeito!

Exatamente esse grande problema filosófico que, como já levantado no início deste trabalho e motivo pelo qual me dediquei a escrever essas linhas e compartilhar com o leitor, é que foi para Foucault seu foco, seu problema, e, a partir do momento em que esse grande filósofo reconheceu o sujeito como problema filosófico é que todo seu trabalho de pesquisa e reflexão passou a destrinchar todas as camadas que envolvem a constituição do sujeito, tentando à luz dos antigos, compreender como este processo é possível a partir do cuidado de si e do cuidado do outro, do governo de si e do governo do outro enraizado nas experiências que traz em sua própria carne a subjetivação de sua verdade ou porque não dizer verdades.

## Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

FOUCAULT, Michel. A Coragem da Verdade. In: O governo de si e dos outros II: Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. Subjetividade e verdade. Edição: Frédéric Gros. Tradução de Rosemary Costhek Abilio. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade IV: As confissões da carne. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 2019.

**Submissão: agosto de 2021.**

**Aceite: setembro de 2021.**